

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOB A ÓTICA DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE

Daiana de Freitas Pinheiro; Emanoely Holanda Silva, Letícia Gomes da Silva, Marina Barros Wenes Vieira, Lindalva Maria Barreto Silva, Francisca Evangelista Alves Feitosa; Patrícia Pereira Tavares de Alcantara.

Resumo:

O Agente Comunitário de Saúde (ACS) é essencial no manejo da violência contra a mulher, visto sua atuação na comunidade. O presente estudo se propôs a analisar a compressão e condutas dos ACS frente os casos de Violência Contra a Mulher. Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa, realizada com 70 ACS da zona urbana de um município do interior do Ceará, através de um roteiro de entrevista previamente elaborado. Após a coleta de dados foram analisados pela análise de conteúdo de Minayo, emergindo duas categorias temáticas: Percepções dos ACS sobre violência contra a mulher e Atuação do ACS frente a violência contra a mulher. Na primeira categoria vê-se que os ACS possuem sobre violência contra a mulher, limitando-se não apenas ao conceito de violência física, mas trazendo a percepção de uma forma ampliada. Na segunda categoria apresenta-se uma discussão sobre as fragilidades e potencialidades nas condutas desses profissionais. Diante disso, reflete-se sobre a necessidade da educação permanente com ACS objetivando potencializar o seu conhecimento prévio, para a atuação baseada em condutas eficientes frente os casos de violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher. Agente Comunitário de Saúde. Assistência a saúde.

1. Introdução

A violência contra a mulher (VCM) apresenta-se como preocupação mundial, ancorada nas desigualdades de gênero, as quais invisibilizam ações agressivas contra mulheres, em função da naturalização do domínio do homem sobre a mulher (GOMES et al., 2012; RODRIGUES et al., 2014; MENEZES et al., 2014).

Os índices de violência têm aumentado anualmente devido os crimes serem tratados com naturalidade (CERQUEIRA et al., 2018). Salienta-se que esse problema, mantém sua ocorrência e impactos sobre a saúde das mulheres, frequentemente "ocultados", mascarando os danos causados (ALMEIDA; SILVA; MACHADO, 2014; WHO, 2010).

Assim, no âmbito da assistência à saúde cabe ressaltar o Agente Comunitário de Saúde (ACS) enquanto profissional essencial no desenvolvimento de suas ações junto à comunidade, sobretudo no reconhecimento e intervenção frente os casos de VCM (SILVA et al, 2015).

Assim sendo, a presente pesquisa tem a seguinte questão norteadora: Qual

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020



Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

a compreensão e atuação dos Agente Comunitário de Saúde frente a violência contra a mulher?

1. Objetivo

Analisar a compressão e as condutas dos Agente Comunitário de Saúde frente os casos de violência contra a mulher.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo exploratória, com abordagem qualitativa, realizado nas Estratégias de Saúde da Família (ESF) da zona urbana de um município do interior cearense, com um quantitativo de 70 ACS.

Para coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista previamente elaborado com questões abertas para responder aos objetivos da pesquisa. Após a coleta, os dados passaram pela análise de conteúdo de Minayo (2014). Após a análise, emergiram as seguintes categorias: *Categoria 1* – Percepções do Agente Comunitário de Saúde sobre violência contra a mulher; *Categoria 2* – Atuação do Agente Comunitário de Saúde frente a violência contra a mulher.

Essa pesquisa obedeceu aos aspectos éticos das Resoluções 510/2016 e 466/2012 (BRASIL, 2012, 2016) e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri sob número de CAAE 12205319.3.0000.5055.

3. Resultados/ Discussão

3.1 *Categoria 1 – Percepções dos Agentes Comunitários de Saúde sobre violência contra a mulher*

Nessa categoria, percebe-se a compreensão dos ACS sobre a VCM. Identifica-se que a maioria possui uma visão ampliada sobre o conceito e causalidade do problema, como pode-se constatar a seguir.

"Acho que o homem é muito machista, ele discrimina muito a mulher ele quer sempre ser por cima da mulher" (ACS 3).

"A mulher sempre foi mais rebaixada, por ser mulher, aí ficou aquela coisa, para o homem mandar nela, por conta disso eles se acharam no direito de ser o dono, de bater, de mandar mas isso não pode ser mais assim no mundo de hoje" (ACS 26).

"Eu creio que a psicológica ainda ocorre mais do que a física, que é a aquela camuflada que muitas vezes não tem como as pessoas verem...". (ACS 17).

"É um ato utilizado por sujeitos covardes. Por se acharem superiores, atitudes que vem desde o passado, como forma de opressão mental e física da mulher" (ACS 41)

"Tudo que faz mal à saúde física e mental" (ACS 61).

Mediante os resultados apresentados, observa-se que o entendimento dos ACS acerca da VCM vai muito além da violação física, destacando aspectos relacionados a causalidade da violência, como o machismo acima citado. Nesse sentido, os comportamentos de gênero impostos na sociedade favorecem episódios violentos, em que o homem acredita que a VCM é permitida e justificada em detrimento dos costumes sociais machistas (GRANJA; MEDRADO, 2009; FIGUEROA-PEREA, 2013).

Universidade Regional do Cariri, email: danyrabelo12345@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: emanoelly@outlook.com.br

Universidade Regional do Cariri, email: leticiaomezdasilva@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: marinawenes@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: lindavabarreto3@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: franciscaeaf@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: enfermeira.tavares.81@gmail.com

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

Refere as manifestações da VCM, constata-se que os ACS possuem uma visão ampliada para situações que normalmente são invisibilizadas. Nesse aspecto, Kurtz (2017), expõe que os tipos mais visíveis de violência são as formas física e sexual, enquanto a psicológica e econômica é menos detectável à primeira vista, podendo acabar sendo negligenciadas.

Além disso, é necessário salientar que as vítimas muitas vezes não se reconhecem como tal, posto que o pensamento feminino também anda em consonância com os preceitos machistas e patriarcais, o que a faz naturalizar as condutas abusivas do parceiro (BORDIEU, 2014).

3.2 Categoria 2 – Atuação do Agentes Comunitários de Saúde frente a violência contra a mulher

Nessa categoria, identifica-se as ações que os participantes do estudo realizam frente a VCM, sobretudo, em relação ao acolhimento e orientação, quando se percebe as fragilidades e as potencialidades, como exposto a seguir.

"Aconselharia a fazer denuncia" (ACS 6).

"Eu encaminharia ela a um setor responsável." (ACS 9).

"Eu como ACS a única atitude é encaminhar ao PSF pra ser orientada pela enfermeira ou pela médica" (ACS 25). "Primeiro momento orientar a procurar o serviço de saúde e depois orientar os equipamentos que dão apoio como o Centro de Referência da Mulher ou o CREAS pra ela tá buscando ajuda e solucionar o seu problema" (ACS 7).

"Preparada nós não somos. Porque isso é uma coisa que não podemos evitar. Podemos dá uma palavra amiga, orientar a pessoa para que ela não venha a ser violentada novamente. E também a denunciar o agressor" (ACS 50).

"Eu faria um bom acolhimento para que a pessoa se sinta segura, e em seguida indicaria pessoas preparadas para ouvi-la e tomar uma atitude" (ACS 62).

A respeito das fragilidades, destaca-se o medo do agressor e a falta de capacitação. Ainda não se dispõe de uma política de segurança para os profissionais de saúde (LEITE et al., 2016), e a formação em saúde ainda se limita à aspectos biologicistas e técnicos, e as capacitações, quando realizadas, são deficitárias em ampliar a visão biopsicossocial (CORDEIRO et al., 2015).

Outro aspecto que denota fragilidade diz respeito ao encaminhamento e sugestão de denúncia imediatos, relatados pelos ACS 6 e 9, o que pode sugerir à vítima que a unidade de saúde não é um ambiente para tratar da violência, levando a quebra do vínculo com o profissional (GOMES; ERDMANN, 2014).

Alguns relatos apresentam uma visão limitada da atuação do ACS frente a VCM. O estudo de Lira, Silva e Trindade (2012) abordam uma visão empoderada das ações desse profissional, que está atrelada ao rastreamento das formas físicas e das formas não visíveis, que devido o vínculo ACS-comunidade torna-se mais palpável; bem como, o manejo do caso junto à equipe de saúde.

Universidade Regional do Cariri, email: danyrabelo12345@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: emanoelly@outlook.com.br

Universidade Regional do Cariri, email: leticiaomezdasilva@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: marinawenes@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: lindavabarreto3@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: franciscaeaf@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: enfermeira.tavares.81@gmail.com

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020



Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

Em contrapartida, outros relatos expõem a potencialidade do conhecimento acerca das orientações e do encaminhamento oportuno aos equipamentos da rede de apoio. É essencial que os profissionais de saúde possam divulgar o setor saúde como ambiente para o cuidado à vítima, bem como os demais serviços de apoio para os quais a mulher pode ser encaminhada mediante prévio trabalho e decisão em equipe (BRASIL, 2011; GOMES; ERDMANN, 2014).

4. Conclusão

Essa pesquisa traz a compreensão ampliada acerca da violência contra a mulher, o que é de extrema relevância para a sua identificação e manejo, principalmente quando se considera o potencial de ação do ACS que lida diretamente com as vítimas na comunidade.

No entanto, as condutas adotadas apresentam um meio termo de coesão com o que é preconizado, ora apresentando fragilizadas pela impunidade e pela ideia limitante de encaminhamento e denúncia imediata para resolução do problema; ora apresentando potencialidades acerca do uso correto das redes de apoio.

Assim, torna-se essenciais ações de educação permanente em saúde que se apropriem do conhecimento prévio desses ACS no sentido de potencializá-los para condutas assertivas e eficientes.

5. Referências

ALMEIDA, L.R de; SILVA, A.T.M.C da; MACHADO, L.D.S. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. **Interf., comun., saúde e educ.**, v.18, n.48, p. 47-59, 2014.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

_____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 06 de maio de 2017.

_____. Ministério da Justiça (BR). Secretaria Nacional de Segurança Pública, Secretaria de Políticas para Mulheres. **Rede de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília (DF); 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CERQUEIRA, D. C. et al. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da violência, junho de 2018, Rio de Janeiro, 2018.

Universidade Regional do Cariri, email: danyrabelo12345@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: emanoelly@outlook.com.br

Universidade Regional do Cariri, email: leticiagomezdasilva@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: marinawenes@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: lindavabarreto3@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: franciscaeaf@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: enfermeira.tavares.81@gmail.com

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020



Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"

CORDEIRO, K.C.C. et al. Formação profissional e notificação da violência contra a mulher. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 29, n. 3, p. 209-217, jul./set. 2015

FIGUEROA-PEREA, J. G. Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos. **Estudios Feministas**, v.21, n.1, p. 371-393, 2013.

GRANJA, E.; MEDRADO, B. Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. **Psicologia & Sociedade**, v.21, n.1, p. 25-34, 2009.

GOMES, N. P. et al. Homens e mulheres em vivência de violência conjugal: características socioeconômicas. **Rev Gaúcha Enferm**, Jun; v.33, n.2, p. 109-16, 2012.

GOMES, N. P.; ERDMANN, A. L. Violência conjugal na perspectiva de profissionais da "Estratégia Saúde da Família": problema de saúde pública e a necessidade do cuidado à mulher. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.22, n.1, 2014.

KURTZ, G. B. Manifestações de violência simbólica contra a mulher nos videogames: uma revisão bibliográfica. **Rev Metamorfose**, v. 2, n.1, 90-109, 2017

LEITE, J. T. et al. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. **Rev Gaúcha Enferm**, v.37, n.2, 2016.

LIRA, C. E. P.; SILVA, P.P.C.; TRINDADE, R.F.C. Conduta dos agentes comunitários de saúde diante de casos de violência familiar. **Rev. Eletr. Enf.**, v.14, n.4, p.928-36, 2012.

MENEZES, P. R.de. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde Soc. São Paulo**, v.23, n.3, p.778-786, 2014.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Editora Hucitec. São Paulo, 2014.

SILVA, C. D. et al. Representação social da violência doméstica contra a mulher entre Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 49, n. 1, p. 22-29, 2015.

WHO. World Health Organization; London School of Hygiene and Tropical Medicine. **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence**. Geneva: World Health Organization; 2010.

Universidade Regional do Cariri, email: danyrabelo12345@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: emanoelly@outlook.com.br

Universidade Regional do Cariri, email: leticiaomezdasilva@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: marinawenes@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: lindavabarreto3@gmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: franciscaeaf@hotmail.com

Universidade Regional do Cariri, email: enfermeira.tavares.81@gmail.com